

DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUA SUPERAÇÃO

Amanda Morais Araujo¹, Ana Bianca de Lima Santos², **Júlya Mariana de Freitas Silva³**;
Joseval dos Reis Miranda⁴

¹ Amanda Morais Araujo, Discente do curso de Pedagogia, bolsista no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia/Alfabetização, Universidade Federal da Paraíba amandamorias79@gmail.com

² Ana Bianca de Lima Santos Discente do curso de Pedagogia, bolsista no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia/Alfabetização, Universidade Federal da Paraíba biancallimma56@gmail.com

³ Júlya Mariana de Freitas Silva, Discente do curso de Pedagogia, bolsista no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia/alfabetização, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB., Brasil julya.freitas2@academico.ufpb.br

⁴ Doutor em Educação, Professor orientador, coordenador PIBID/Pedagogia/Alfabetização, Campus I, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo

Este ensaio aborda a formação leitora no processo de alfabetização, apresentando os desafios enfrentados por professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tem como objetivo geral analisar os desafios enfrentados na formação de leitores durante o processo de alfabetização, bem como identificar e discutir estratégias pedagógicas que possam contribuir para a superação dessas dificuldades. Como objetivos específicos, busca-se compreender a importância da leitura no processo de alfabetização e refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula, destacando estratégias que favoreçam o desenvolvimento do gosto e da prática leitora dos estudantes. Para isso, o estudo fundamenta-se nos autores Soares (2008), Sousa e Cosson (2010), Machado (2018), Valente (1993), Cafiero (2010), Libâneo (2013), Zilberman (1988) e no documento da BNCC (Brasil, 2018). A metodologia ancorou-se em uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em artigos científicos e documentos educacionais que tratam da alfabetização, do letramento e da formação do leitor nos anos iniciais da escolarização. Os resultados apontam a necessidade de ruptura da concepção de leitura, bem como de atualização das práticas pedagógicas para a superação dos desafios contemporâneos da formação leitora, além da necessidade de articulação de práticas pedagógicas que considerem o contexto socioeconômico do aluno. Desse modo, conclui-se a necessidade de uma educação que compreenda a leitura como algo além da decodificação e que passe a promover uma formação leitora significativa, a fim de propiciar aos sujeitos a participação efetiva na sociedade.

Palavras-chave: Formação leitora. Alfabetização. Letramento.

A formação de leitores no processo de alfabetização constitui um dos principais desafios enfrentados pela educação básica, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ler vai além da simples decodificação de símbolos gráficos, pois envolve a construção de sentidos, o desenvolvimento do pensamento crítico e a inserção do sujeito nas práticas sociais letradas. No entanto, muitos estudantes chegam ao final do ciclo de alfabetização sem alcançar níveis satisfatórios de compreensão leitora, o que impacta diretamente seu desempenho escolar e sua participação social.

As motivações para o desenvolvimento destas reflexões surgem a partir da observação realizada em turmas de 1º e 2º anos, em duas escolas municipais da rede de ensino de João Pessoa, Paraíba, diante das dificuldades recorrentes enfrentadas por crianças em processo de alfabetização, bem como das limitações encontradas nas práticas pedagógicas voltadas à leitura. Estudos como os de Soares (2008) apontam que a alfabetização deve estar articulada ao letramento, considerando o contexto sociocultural dos alunos e a diversidade de gêneros textuais, de modo a tornar a leitura uma prática significativa.

Nesse sentido, a ausência de estratégias pedagógicas diversificadas e contextualizadas pode contribuir para o desinteresse e para a fragilidade na formação do leitor. Diante desse cenário, torna-se fundamental refletir sobre as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores alfabetizadores e sobre como estas podem contribuir para a superação das dificuldades no processo de formação de leitores. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em artigos científicos e documentos educacionais que tratam da alfabetização, do letramento e da formação do leitor nos anos iniciais da escolarização.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os desafios enfrentados na formação de leitores durante o processo de alfabetização, bem como identificar e discutir estratégias pedagógicas que possam contribuir para a superação dessas dificuldades. Como objetivos específicos, busca-se compreender a importância da leitura no processo de alfabetização, refletir sobre as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula e destacar estratégias que favoreçam o desenvolvimento do gosto e da prática leitora dos estudantes.



A Formação leitora no processo de alfabetização

Constituindo-se como um dos principais pilares do processo de alfabetização, a literatura apresenta-se também como um dos principais desafios para professores e instituições de ensino, uma vez que envolve não apenas a apropriação do sistema de escrita alfabética, mas também o desenvolvimento de práticas de leitura significativas.

O gosto pela leitura e a formação de um leitor ativo e crítico consistem, por vezes, em incentivos promovidos pelos docentes, que criam estratégias lúdicas e diversificadas para estimular a criança em seu processo de alfabetização. Nesse sentido, podem apoiar-se nos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que traz pontos relevantes para esse processo, como a apropriação dos saberes da língua oral e escrita por meio do componente curricular de Língua Portuguesa.

É fato que as crianças aprendem sobre leitura e escrita muito antes de serem formalmente alfabetizadas, ao observarem adultos lendo rótulos de supermercado ou respondendo a mensagens no celular. Dessa forma, passam a atribuir sentidos à escrita e a formular hipóteses sobre sua função social (Machado *et al.*, 2018, p. 11). Tais experiências evidenciam que o letramento antecede a alfabetização, uma vez que a criança ingressa na escola, espaço privilegiado para o contato com a leitura e para a formação de leitores, onde devem ser promovidas práticas significativas que considerem os conhecimentos prévios dos alunos, os quais precisam ser reconhecidos e valorizados no processo de leitura e alfabetização. Segundo Souza e Cosson (2010, p. 104):

O conhecimento prévio é considerado por vários autores como a estratégia “guarda-chuva”, pois, a todo momento, o leitor ativa conhecimentos que já possui com relação ao que está sendo lido. Assim, antes de ler, as crianças geralmente acionam conhecimentos prévios que podem estar relacionados às ideias do texto. (Souza; Cosson, 2010, p. 104).

Nesse eixo interpretativo, comprova-se que a atividade de leitura no processo de alfabetização não pode ser passiva, mas deve possibilitar a atribuição de sentidos pelos leitores em formação, de modo que se sintam mais impulsionados a essas práticas no dia a dia. Esses sentidos são construídos a partir das experiências vividas no convívio familiar, social e cultural, permitindo que o aluno estabeleça relações entre seus conhecimentos prévios e as novas informações apresentadas, o que facilita o processo de compreensão.

No ambiente escolar e, especialmente, na sala de aula, o incentivo à leitura deve ser ainda maior, pois, ao se considerarem os contextos familiares — em sua maioria de alunos da

escola pública —, percebe-se que muitos não recebem incentivo em casa ou enfrentam limitações financeiras, o que impossibilita a manutenção de práticas de leitura fora do espaço escolar. Diante disso, as leituras deleite e o acesso livre à biblioteca devem fazer parte da rotina do estudante, pois é nesse momento que a paixão pela literatura surge e, com ela, o incentivo para o aprimoramento do processo de alfabetização. Nesse sentido, Machado *et al.* (2018) apontam:

Considerando que a universalização da educação infantil ainda não é uma meta alcançada em nosso país e que o acesso aos bens culturais por meio familiar varia de acordo com o meio social em que cada criança vive, é importante que a escola de ensino fundamental leve em consideração as condições pouco equilibradas de inserção das crianças no processo de letramento literário, de modo que o trabalho na literatura infantil nos anos iniciais de escolarização obrigatória possa atender às múltiplas realidades que ali se apresentam. Desse modo, o processo de alfabetização marca a vida escolar do estudante, uma vez que se espera a concretização da aprendizagem da leitura e da escrita. (Machado *et al.*, 2018, p. 12).

A partir dessa perspectiva, é evidente que a escola e os docentes desempenham papel primordial no acesso à cultura e ao conhecimento dos alunos no processo das práticas de leitura e escrita, especialmente daqueles que não tiveram ou não têm acesso significativo a tais bens culturais em seu contexto familiar ou nos grupos sociais que frequentam. Dessa forma, o trabalho com a literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve buscar intencionalidades que considerem as trajetórias e vivências de cada aluno, bem como minimizar as desigualdades existentes no processo de letramento literário.

Desafios atuais na construção do leitor: algumas ponderações

As mudanças constantes que ocorrem nos âmbitos social, econômico, cultural e político atingem as instituições escolares, assim como os sujeitos que as frequentam. Por isso, é necessária a permanente atualização das práticas, a realização de investimentos econômicos, a formação continuada e o diálogo entre comunidade e escola. Soares (2008) aponta que essa nova realidade exige a formação de um sujeito que saiba ler e escrever, bem como fazer uso dessas habilidades nas demandas sociais.

No contexto educacional atual, destaca-se, como principal desafio, o avanço tecnológico e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. O intenso estímulo visual, a falta de direcionamento para o uso adequado das tecnologias e a facilidade que a internet proporciona para acessar materiais fazem com que essa ferramenta produza uma nova

forma de relacionamento com as informações, bem como com a leitura. Esse avanço traz para a escola a necessidade de refletir sobre sua função e sobre o papel docente frente à formação do leitor, para que o aluno tenha intencionalidade ao usar as tecnologias de forma ativa na sociedade. Nesse sentido, Valente aponta que:

[...] A função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento — o computador pode fazer isso e o faz muito mais eficientemente do que o professor — e passar a ser o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno. (Valente, 1993, p. 6).

Essa nova relação do sujeito com a tecnologia instiga no aluno novas formas de se comunicar, de aprender, de interagir e de se relacionar com o conhecimento; com isso, exige do professor novas metodologias e formas de incluir a tecnologia na sala de aula como recurso pedagógico que potencialize a aprendizagem. No entanto, deparamo-nos com outro desafio para a formação leitora contemporânea: a necessidade de formação continuada para os professores. Quando a formação adequada não ocorre, acarreta sobrecarga nos profissionais da educação, tentativas de uso da tecnologia sem intencionalidade ou direcionamento, ou, ainda, o não uso de recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas.

A formação continuada faz-se necessária em diversas faces do trabalho pedagógico, pois, para o desenvolvimento do leitor, é preciso romper com a concepção de leitura como habilidade apenas de decodificação, presente na sala de aula para a realização de atividades nos livros didáticos, para o ensino de gramática ou para a compreensão da formação leitora como responsabilidade exclusiva das aulas de Português. Cafiero (2010) define leitura:

A leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos. Isso significa dizer: o leitor — um sujeito que atua socialmente, construindo experiências e história — compreende o que está escrito a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo. (Cafiero, 2010, p. 85-86).

Diante disso, para formar alunos leitores, é preciso que o docente tenha uma boa relação com a leitura e com a literatura, que conheça os materiais e as obras disponíveis na instituição, que conheça a realidade cultural de cada aluno, bem como identifique o nível de contato que o discente teve ou tem com a leitura e com o acesso à cultura literária, não somente por meio de livros, mas também da música, do teatro e das leituras digitais. É a partir desse processo que o professor trará livros, histórias, contos e poemas que contribuam para a criação de sentidos, para o reconhecimento e para a compreensão do que foi lido; assim, também

contribuirá para o processo de alfabetização, para o desenvolvimento do letramento e para a construção do aluno leitor.

Esse processo de diagnóstico, realizado pelo professor para selecionar materiais adequados aos conhecimentos de seus alunos, revela outro desafio: o acesso limitado que muitos sujeitos possuem a livros, peças teatrais e eventos culturais. Esse fato relaciona-se a fatores econômicos e às relações de produção. Os altos valores dos livros, por exemplo, dificultam a aquisição desses recursos por famílias com fragilidades financeiras, resultando em menor contato diversificado com gêneros literários, o que torna a escola responsável pelo acesso à leitura, pela ampliação desse acesso e pela promoção de práticas leitoras.

Entende-se, então, a escola como um lugar de democratização da leitura e, para isso, a biblioteca escolar configura-se como espaço fundamental. A ausência de biblioteca na escola, no município ou na comunidade acentua os desafios de acesso não apenas para a criança em processo de alfabetização, que está construindo seu mundo, mas para qualquer cidadão em processo de construção leitora.

Por outro lado, há instituições que possuem biblioteca, diversos livros e cantinho da leitura e, ainda assim, não realizam o devido uso desses recursos. Nesse ambiente, encontra-se um grande impasse para a formação efetiva do leitor e, como consequência, obtêm-se indivíduos com dificuldades nas habilidades de leitura e escrita, em razão da falta de políticas, da rápida globalização e de práticas pedagógicas desalinhadas.

Em reflexão sobre essa escola, Libâneo (2013) aponta qual é a escola necessária para esse novo tempo:

A escola necessária para fazer frente a essa realidade é a que prevê formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com a cultura — aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética e pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade é aquela que inclui, uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural e pedagógica. (Libâneo, 2013, p. 49).

Desse modo, para o efetivo desenvolvimento do aluno leitor, a instituição escolar deve constituir-se como espaço democrático, não apenas por propiciar o envolvimento da família e da comunidade ou por dar voz a docentes e discentes, mas por promover o acesso às diversas culturas e desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam o letramento, o prazer pela leitura e a percepção do poder de buscar conhecimentos diversos, valorizando os diferentes saberes. Assim, contribuirá para a formação do cidadão leitor, consciente e crítico frente à importância da participação na sociedade. Dessa forma, a escola também cumpre sua função social.



Estratégias Pedagógicas na Formação de Leitores

As estratégias pedagógicas na formação de leitores desempenham papel fundamental no processo de alfabetização, pois é por meio delas que a leitura deixa de ser apenas um exercício mecânico de decodificação e passa a constituir-se como prática significativa e prazerosa. A aplicação de estratégias variadas possibilita atender às distintas demandas e aos diferentes ritmos de aprendizagem dos estudantes, promovendo o avanço da compreensão leitora e o interesse pelos textos.

Ao iniciar o processo de alfabetização, é preciso considerar que há crianças que já reconhecem práticas de leitura; essa relação advém das experiências sociais e culturais adquiridas ao observarem os adultos lerem rótulos, notícias e livros ou ao ouvirem histórias. Do mesmo modo, há crianças que não tiveram a mesma experiência. Diante disso, é importante considerar a diversidade de experiências presente na inserção dos alunos no processo de alfabetização e na construção de sua trajetória leitora.

Dessa maneira, inserir a leitura, principalmente a leitura literária, para crianças que iniciam esse processo pressupõe que o professor considere a capacidade dos alunos de atribuir sentidos a partir da interação com o texto e da mediação docente. Essa prática requer que a leitura do livro literário não se reduza ao ensino didático, mas seja utilizada como recurso indispensável à prática pedagógica. Zilberman (1988) nos fala sobre seu uso:

Pois, no primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precipuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar tão somente que esse processo se viabilize em sua plenitude. (Zilberman, 1988, p. 21).

Diante disso, uma das principais estratégias pedagógicas é a prática diária de leitura em sala de aula, tanto individual quanto coletiva ou compartilhada. A leitura em voz alta, feita pelo docente, permite que as crianças entrem em contato com diversos tipos de texto, ampliem seu vocabulário e aprimorem a escuta atenta. Além disso, a narração de histórias ajuda a estimular a imaginação, a oralidade e a construção de sentidos, tornando a experiência de leitura mais cativante. Durante as oficinas de literatura realizadas nas turmas do 2º ano, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), utilizando-se a estratégia de mediação literária com leitura em voz alta, observou-se, nos alunos, empolgação, escuta atenta, estímulo à curiosidade e participação ativa durante a leitura.

Figura 1: Oficina de leitura



Fonte: Acervo pessoal

Em meio a essas práticas, pode-se acrescentar o contato direto com os livros, pois é necessário que se crie uma relação de afetividade entre a criança e o objeto que está sendo manuseado por ela, fazendo com que explore, folheie as páginas e perceba as imagens, que, muitas vezes, são a primeira coisa que lhe chama a atenção. Por conseguinte, Machado *et al.* (2018, p. 13) pontuam:

Assim, ao trabalhar literatura considerando um leitor que ainda não lê o que está escrito, é importante não tolher as possibilidades de acesso da criança a determinadas obras sob o argumento de que não saber ler impede a compreensão do texto. Tal premissa reconsidera a possibilidade de construção de sentidos também a partir das imagens, da interação com outros leitores e/ou da mediação de um adulto. (Machado *et al.*, 2018, p. 13).

Desse modo, cria-se também a necessidade de que esse processo seja prazeroso para a criança, e não apenas um mero momento de “distração” que será podado ou controlado por um adulto. Por esse motivo, o professor deve mediar tal processo de forma lúdica, observando as escolhas dos alunos e dos livros que serão trabalhados em sala, de modo que se adequem à turma, visto que cada uma pode apresentar interesses e demandas diferentes.

Diante disso, a leitura na sala de aula deve constituir-se como prática permanente, com incentivo e organização para a utilização da biblioteca e de outros espaços escolares, promovendo contações de histórias semanalmente e possibilitando aos alunos, aos funcionários da instituição e à comunidade escolar a participação em momentos nos quais possam contar, dramatizar ou apresentar considerações sobre as histórias, contos ou poemas que estão lendo. As oficinas de arte realizadas no 1º ano e no 2º ano propiciaram aos alunos o

contato com os gêneros textuais reconto e roteiro, de forma lúdica e introdutória, a partir da dinâmica do teatro de sombras e da dramatização guiada por jogos teatrais. Essa prática favoreceu o desenvolvimento da oralidade e da criatividade.

Os alunos demonstraram empolgação ao apresentar suas versões da história e ao produzi-la. Essa prática simples envolveu leitura, organização, reconto, criatividade, expressão corporal e o envolvimento da turma.

Figuras 2 e 3: Oficinas de Arte



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

Do mesmo modo, é importante organizar ações de circulação de novos livros e autores, bem como rodas de leitura e de conversa. Assim, devem-se articular as estratégias pedagógicas de ensino às práticas de letramento, envolvendo a relação entre leitura e escrita e seus usos sociais, por meio do trabalho com diferentes gêneros textuais.

Figura 4: Roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal

Assim sendo, as vivências do PIBID permitem-nos observar e refletir sobre a influência dessas práticas no processo de alfabetização e de formação leitora. As turmas acompanhadas pelas pibidianas mostraram-se empolgadas com as novas experiências propiciadas pelo projeto, assim como evidenciaram crescimento no interesse pelos livros que sempre estiveram na sala de aula.

As oficinas contribuíram de forma significativa para a nossa formação docente, evidenciando a importância da formação continuada e do desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento efetivo e integral do aluno.

Conclusões

Com isso, conclui-se que a formação de novos leitores no processo de alfabetização constitui um desafio central para a educação básica. Identifica-se que a leitura deve ser compreendida como uma prática social que ultrapassa a simples decodificação do sistema de escrita; desse modo, é notável que a articulação entre alfabetização e letramento é de cunho fundamental para o desenvolvimento de leitores críticos e participativos.

Além disso, o contexto socioeconômico dos estudantes influencia diretamente o acesso à leitura, de modo que a escola deve desempenhar papel importante na democratização desse acesso, enquanto o professor atua como mediador fundamental no processo de formação do leitor, ressaltando que estratégias pedagógicas intencionais, lúdicas e contínuas favorecem o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi alcançado ao evidenciar que a formação de leitores, no processo de alfabetização, envolve desafios de natureza pedagógica, social e cultural, os quais impactam diretamente o desenvolvimento da competência leitora nos anos iniciais. Verificou-se que práticas de ensino centradas na decodificação, o acesso restrito a materiais de leitura e a ausência de mediações significativas constituem entraves à consolidação de uma formação leitora efetiva. Indubitavelmente, a leitura, como eixo estruturante da alfabetização, favorece a construção de sentidos, o pensamento crítico e a inserção do sujeito nas práticas sociais letradas. Observou-se, ainda, que a reflexão sobre as práticas pedagógicas evidencia a necessidade de metodologias mais interativas, contextualizadas e interdisciplinares, que ultrapassem o uso mecânico do texto e promovam a participação ativa dos estudantes.

Ademais, identificou-se que estratégias pedagógicas intencionais, como leitura diária, rodas de conversa, contação de histórias, acesso à biblioteca e trabalho com diferentes gêneros textuais, contribuem significativamente para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a formação de leitores autônomos e críticos. Por fim, afirma-se que a promoção de práticas leitoras consistentes contribui para uma alfabetização que ultrapassa a dimensão técnica, favorecendo a formação de sujeitos críticos, reflexivos e socialmente participativos.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. DF. 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 10 de fev. de 2026.
- CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: **BRASIL. Ministério da Educação**. Pró-Letramento: alfabetização e linguagem. v. 19. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- COSSON, Rildo; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Literatura infantil na alfabetização. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 8, n. 45, 2002, p. 15-23.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2013.
- MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **Literatura infantil na alfabetização**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFG, 2011. 80 p. (Coleção Letra A no processo de alfabetização; v. 4). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/898764730/E-book-Literatura-Infantil-Na-Alfabetizacao>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.
- VALENTE, José. **Diferentes usos do Computador na Educação**. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1993.
- ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor .9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.